



INACIO LUDIGERO

UM POLÍTICO **APAIXONADO**

Foi pelo fogo, na paixão e na morte, que Francisco Sá Carneiro atingiu o grande imaginário português. Por isso a sua imagem emerge pendularmente na nossa afectividade colectiva, como agora, 25 anos depois de ter desaparecido

FERNANDO DACOSTA

Tudo começou num simples e lindíssimo caso de amor: o de um político (casado), Francisco Sá Carneiro, por uma editora (divorciada), Snu Abecassis, que uma amiga (poetisa), Natália Correia, intuiu e juntou. Quatro anos depois, tudo terminava, porém, num avião consumido pelas chamas ao levantar voo em Lisboa.

A paixão de um pelo outro constituiu uma das histórias mais empolgantes do século XX português. A que as circunstâncias (meios políticos e religiosos hostis, razões de Estado e de famílias, morte dramática e enigmática) deram contornos de excepcionalidade.

Situações inexplicáveis concentraram-se, aliás, nesse sentido. O mistério da queda do aparelho (acidente?

sabotagem?) fez-se um enigma; a repetição dos inquéritos em vez de clarificá-lo, adensou-o; o retraimento dos investigadores em vez de esvaziá-lo, enovelou-o.

O poder – direcção partidária primeiro, chefia governativa depois – levou as normas instituídas a interferirem na privacidade do estadista. A mulher com quem se consorciara negava-lhe o divórcio, a Igreja a que

PAUSA NUMA CAMPANHA Snu (tomando um café) foi inseparável de Sá Carneiro, nas batalhas políticas da AD e das presidenciais de 1980. Morreria com ele



se votara recusava-lhe o apoio, militantes que o incensaram traíam-no, adversários que o respeitaram achincalhavam-no. Isso, porque ele assumira com naturalidade, com transparência, em vez de os dissimular, os seus sentimentos. Bispos, governantes, políticos, intelectuais, jornalistas fizeram da circunstância arma de arremesso.

Adiantados no tempo

«Sá Carneiro fez o maior acto revolucionário depois do 25 de Abril: impôs a amante à sociedade», provocará Natália Correia, apoplética com os preconceitos surgidos.

Alguns dos que os atacaram eram visita de sua casa. Jantavam lá, estavam a par de tudo, sem equívocos. Magou-os muito ouvi-los referirem-se à sua relação como uma coisa pecaminosa.

Sá Carneiro informou o PSD da situação pessoal em que se encontrava pondo o lugar, se ela fosse considerada incompatível, à disposição do partido. As bases de imediato se lhe renderam, como fez, tocada pela grandeza dos dois amantes, a generalidade dos portugueses.

É frequente entre nós esse tipo de comportamento. As razões do coração tornaram-se-nos, ao longo da história, mais valiosas do que as das conveniências. A simpatia vai-nos, de acordo com uma lógica sentimental muito própria, para os réus, não para os juizes, para as vítimas, não para os algozes, para os pecadores, não para os moralistas.

O tiro saiu pela culatra aos que dispararam contra Snu e Francisco – que rapidamente se tornam entes excepcionais. Paixão, poder, inteligência, sensibilidade, cultura, dinheiro, carisma, tudo tinham, tudo dividiam. Em breve o destino retirava-os, porém, imprevisivelmente de cena. Estavam adiantados no tempo.

Fez história

Social-democrata convicto, Francisco Sá Carneiro emergiu dos sectores católicos burgueses do Porto, logo se revelando mais interessando na política do que no Direito, nas in-

Marcello Caetano tenta, numa brevíssima *Primavera*, abrir o regime.

O papel que esse grupo desempenhou fez história. Rapidamente Sá Carneiro (como Francisco Pinto Balsemão e Magalhães Mota) ascende ao primeiro plano da vida política nacional. O 25 de Abril permite-lhe criar e dirigir um partido centrista que passa a disputar, a alternar com o PS, a liderança governativa.

A sua carreira baliza-se, a partir daí (com recuos por motivos de saúde), entre a chefia da oposição e a do Executivo. Reivindica, para concretização dos seus projectos, é o primeiro a fazê-lo, uma maioria Governo-Parlamento-Presidência da República, triângulo que nunca veria, porém, concretizado.

Os eleitores portugueses parecem, com efeito, preferir a diversidade à unicidade nos poderes, não lhes pondo «todos os ovos nos mesmos cestos». Como consequência, o centro-direita não logrou, até hoje, chegar a Belém.

A primeira tentativa feita nesse sentido – candidatura do general Soares Carneiro, em 1980, apoiada pelo PPD/CDS/PM – ficaria, aliás, marcada pelo falecimento trágico dos seus promotores: Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa.

FOTOGRAFIA DE RUI GUEDES



AOS 21 ANOS Com a namorada, Isabel de Matos, com quem casaria

tervenções ideológicas do que nas da advocacia – que exerceu.

A apetência pela acção leva-o a candidatar-se à Assembleia Nacional onde integra um grupo de jovens deputados designado por Ala Liberal, quando

Príncipe encantado

As mulheres tornaram-se-lhe, desde criança, seres de apaziguamento, de incentivamento. Viveu sempre entre elas, precisou sempre delas. Foram-lhe um esteio de onde partia, aonde se acolhia.

Uma, a mãe, abriu-lhe a vida; outra, a amante, comungou-lhe a morte. Entre as duas, várias o acompanharam, o acrescentaram. Como Isabel Carneiro, com quem casou muito novo e de quem teve cinco filhos; como Conceição Monteiro, secretária fidelíssima e eficientíssima no partido, no governo, na memória; como Natália Correia, ▶

► UM POLÍTICO APAIXONADO

preceptora da sua projecção cultural e libertária, que representaria um papel charneira na transmutação do futuro primeiro-ministro.

«Ele tinha, para tornar-se um líder moderno, cosmopolita, ao nível de Mário Soares e Álvaro Cunhal, os seus rivais políticos, de renascer. O que só podia dar-se», comentava a autora de *Sonetos Românticos*, «através de uma grande paixão».

A paixão surgiria pouco depois quando Snu Abecassis, proprietária e directora das Publicações Dom Quixote, o convida a escrever um livro para um tríptico de obras assinadas pelos secretários-gerais do PS, PPD e PCP.

Snu (Ebra Marete Seidenfaden, de seu nome completo), divorciada do economista Alberto Vasco Abecassis, que a trouxe para Portugal, pertencia a uma poderosa família nórdica (mãe sueca, pai dinamarquês) com ligações ao mundo dos jornais, da literatura e do prémio Nobel.

Sá Carneiro, que a não conhece, contacta Natália Correia. Esta ouve-o e, de súbito, dispara: «Ela é uma princesa que jaz adormecida num esquife de gelo à espera do príncipe que a desperte com um beijo de fogo. O prin-

cipe é você. Telefone-lhe e convide-a.» A seguir, liga para Snu: «Menina, o príncipe encantado porque esperavas vai aparecer-te.»

Snu aceita o pedido de Sá Carneiro para um almoço. Rindo, contam um ao outro as palavras de Natália. À sobremesa percebem, de repente, que estão apaixonados. Para sempre.

O último chá

Era tocante observá-los nos últimos dias de vida, os últimos da campanha eleitoral de Soares Carneiro à Presidência da República. Apareciam isolados, fora das caravanas do candidato, num pequeno Volvo verde.

Nos comícios, quando Sá Carneiro ia para os palcos, Snu distanciava-se. Gostava de o ouvir discursar de longe, entre o povo que a não reconhecia, e vê-lo depois chegar, sorrindo, pegar-lhe na mão e partirem como namorados pelas estradas.

Vi-os pela última vez no Alentejo, três dias antes do fim. «Por quê Soares Carneiro?», perguntei-lhes. «É um mau candidato mas vai ser um bom Presidente, verá», respondeu-me ele. «Vai ser o seu Américo Thomaz?» Deram uma gargalhada.

«*Off de record*» conta-me que o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, criticara (quando o contactou a pedir apoio) a sua candidatura a Belém por causa de Snu. Desiludido, ouviria mais tarde Amaro da Costa falar-lhe no general. Anuíra.

«Acompanhei-os», evoca Maria João Sande Lemos, amiga e confidente do casal, «até quase ao fim. Ao despedir-me, Snu brincou com as minhas apreensões com o tempo: Não faz mal partirmos de noite, o avião tem faróis. Antes de rumarem para o aeroporto foram a casa, para tomarem *uma* chá. A Snu não atinava com o género das palavras em português.»

Deitados no chão

Sá Carneiro fez saber que só aceitava convites (incluindo os oficiais) com Snu ao lado. «Se ela não puder ir, eu também não vou. Se a não rece-

berem a ela também não me recebem a mim», determinara.

«Saíamos muito para jantar, para jogar golfe, para irmos a exposições, a cinemas. Ele adorou o filme *2001* e ela detestou-o. Víamo-nos quase todos os dias», pormenoriza Maria João Sande Lemos. «Levantavam-se cedo, ela ia para a editora, ele para o partido, ou para São Bento. Costumavam almoçar em casa. O Francisco estava farto de restaurantes, frequentara-os durante anos seguidos, desde que viera para Lisboa até que fora viver com a Snu.»

Passavam muito tempo na residência, decorada com invulgar bom-gosto, um lindíssimo duplex no último andar do nº 16 da Rua D.



DIR.





João V. A maior parte dos almoços e jantares políticos decorria lá.

O casal, apreciador (e comprador) de artes plásticas, frequentava galerias e ateliês. Cesariny recebeu-o várias vezes no seu, à Graça. Tornou-se presença no Botequim. Discretos, irónicos, Sá Carneiro e Snu Abecassis sabiam ouvir, gostavam de ouvir.

A música clássica era-lhes uma paixão. Passavam tardes deitados na alcatifa da sala, janelas abertas sobre o Tejo, a escutar Bach.

Nariz comprido

«Snu foi sempre uma mulher tranquila, suave, delicada, muito simples, muito disponível», evoca-me Concei-

ção Monteiro. «Adorava sair de Lisboa, ir para junto do mar, conduzir. O Francisco também gostava de conduzir, mas em altas velocidades, voava baixinho. Ela apreciava muito Portugal, mas detestava a nossa desorganização, a nossa falta de pontualidade. Dizia que éramos todos doidos. Ambos possuíam grande sentido de humor. Ele brincava até com o facto de ser pequeno e ter o nariz comprido.»

Quando preparava a constituição do seu último governo, Sá Carneiro revela a Natália Correia, que o invejava a não ceder, nunca, ao «canto de sereia» dos tecnocratas: «Pois acabo de arranjar um para as Finanças, é jovem e competente, especia-

FUNERAIS DE ESTADO À missa solene nos Jerónimos, seguiu-se um grandioso cortejo até ao Alto de S. João, com transmissão em directo na TV

lizado em Londres... se ganhar gosto pela política, do que eu duvido, pode ser um bom líder». E, ante o olhar desdenhoso da escritora, acrescenta: «Chama-se Cavaco Silva, conhece?»

Um foco de perigo

Os rituais fúnebres de Snu decorreram na Igreja dos Ingleses, acompanhados pelo Quarteto Haydn. Separada de Francisco (cujo corpo, por ter funeral de Estado, fora para os Jerónimos), só no dia seguinte repousarão juntos no Alto de São João – anos mais tarde foram tras- ▶

▶ UM POLÍTICO APAIXONADO

ladados para a cemitério do Lumiar onde se encontram em jazigo próprio.

Se Natália Correia toma a defesa de Snu Abecassis, que dilata, Agustina Bessa-Luís toma a de Isabel Sá Carneiro, que desoculta. As suas posições radicalizam-se.

«Francisco Sá Carneiro e Snu Abecassis não chegaram a saber que dois dias antes da tragédia, Isabel Sá Carneiro decidira conceder o divórcio ao marido. Ela veio ter comigo a minha casa e conversámos muito», diz-me a criadora de *Sibila*. «Estava comalida, as pressões para formalizar a separação surgiam-lhe de todos os lados. A sua situação ficara muito difícil. Snu era, porém, uma substituta na vida de Sá Carneiro. Não acredito na paixão dele por ela. Dela por ele houve apenas uma fixação. A Isabel tinha-se afastado muito decepcionada por causa da política. Não foi ele que a deixou, como muitos dizem, foi ela. Ele, que nunca recuperou disso, estava inseguro e só quando conheceu a Snu. Se não tivesse morrido iria cansar-se e voltar para a Isabel. Snu foi uma vítima de uma situação. A política tornou-se uma maneira de Sá Carneiro dar significado à existência. Mas ele não era um grande líder, não era sequer um grande político.»

Sempre que Sá Carneiro se deslocava ao Porto, Snu impeliu-o a levá-la consigo. Como se naquela cidade houvesse um foco de perigo. Foi o que aconteceu a 4 de Dezembro de 1980.

Candidato a Belém

Ante o túmulo de Snu, a mãe, Jytte Bonnier, dirá: «Ela amou Francisco dando-lhe tudo o que tinha para dar e, através dele, tudo dando, também, a Portugal.»

Num livro publicado posteriormente, afirma: «Ele conhecia a



COM CAVACO, BALSEMÃO E NATÁLIA CORREIA Na bancada do Governo, na AR, ouvindo um discurso do socialista Salgado Zenha. A poetisa (em baixo) insurgir-se-ia contra o convite a Cavaco Silva para ministro

realidade portuguesa, a minha filha os regimes democráticos da Europa. Sá Carneiro tornou-se na sua grande aposta. Tinha as qualidades necessárias para colocar Portugal entre os Estados modernos. Ajudá-lo, fez-se a missão dela, a obra dela.»

Conceição Monteiro pormenoriza que Francisco e Snu «não chegaram a viver em democracia plena pois quando morreram ainda havia o Conselho da Revolução. Órgão que fazia, por norma, a vida num inferno ao primeiro-ministro. Daí o seu sonho de ter um Presidente, um Go-

verno e um Parlamento. Snu apoiava-o em tudo. Os dois identificavam-se profundamente. Não acredito que abandonassem o País se Soares Carneiro perdesse as eleições. Ele deixaria o Executivo, é verdade, mas iria para a Assembleia a fim de ajudar na revisão constitucional. Os três líderes da AD tinham acordado fazê-lo. O Francisco esperaria os anos necessários à obtenção do divórcio, depois regularizaria a sua situação conjugal e candidatar-se-ia a Belém.»

Morreram abraçados

Ao pressentirem o fim, Sá Carneiro e Snu Abecassis abraçaram-se. As chamas que queimaram o pequeno avião em que seguiam não os desenlaçaram. Nem a queda. Nem a fragmentação do aparelho sobre uma ruína de Camarate. Com 46 anos ele, 39 ela, muito futuro, muito sonho os esperava. O factual do seu caso cedeu, a partir daí, lugar ao ficcional, projectando-o para fora do tempo e da realidade.

As nossas figuras identitárias são ou amantes funestos (Pedro e Inês, Soror Mariana Alcoforado, Sá Carneiro e Snu), ou idealistas exacerbados (Nuno Álvares Pereira, D. Sebastião, Humberto

Delgado), dependendo o seu resplendor dos poetas que os cantam e do povo que os projecta.

Outros ícones brilham-nos igualmente (Infantes D. Henrique e D. Fernando, Santa Isabel, Santo António, Camões, Bocage, Pessoa, Amália, Irmã Lúcia), pois sequiosos nos revelámos sempre, em todas as gerações e regimes, deles, de sentir ardê-los em nós.

Não sabemos viver, avisam os poetas, sem a sua aura. Quando os não comungamos, esfriamo-nos, adiamonos. A morte dos mitos significa a morte da cultura. ■